

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

4/5



Edições
Colibri

二〇一〇年十一月十五日
二〇一〇年十一月十五日

livrinho, pois, tendo sido escrito, como os restantes volumes da colecção, sobretudo “for the student or interested layman” (texto de contracapa), ele constitui uma interessante iniciação ao estudo da medicina egípcia.

Luís Manuel de Araújo

ANNA MARIA DONADONI ROVERI (dir.), *Civilisation des Égyptiens*, 3 vols, Istituto Bancario San Paolo di Torino, Turim, 1988-1989 (cada um com 262 pp.)

Por ocasião do VI Congresso Internacional de Egiptologia, realizado em Turim (de 1 a 8 de Setembro de 1991), editou-se uma obra em três volumes dedicada à civilização egípcia e tomando como referência as muitas e valiosas peças do antigo Egipto existentes no Museu de Turim (Museo Egizio di Torino). É a versão francesa do original italiano de idêntico título, em boa hora editado para coincidir com o referido congresso, que aqui apreciamos. Ela foi publicada sob a direcção de Anna Maria Donadoni Roveri, directora do Museu Egípcio, e nela colaboraram muitos egiptólogos, com especial e compreensivo relevo para os especialistas italianos.

Os três volumes, não numerados, apresentam-se com os seguintes títulos:

- *La Vie Quotidienne*
- *Les Croyances Religieuses*
- *Les Arts de la Célébration*

Importará assinalar que o projecto editorial contou com o apoio do Istituto Bancario San Paolo di Torino, o qual, numa apreciável acção mecenática e no seguimento da criação de uma Fundação para a Cultura, as Ciências e as Artes, também suportou as obras de restauro do grande palácio barroco onde o Museu de Turim está instalado e apoiou a realização do VI Congresso Internacional de Egiptologia.

O primeiro volume da série tem por tema *La Vie Quotidienne*, com recolha iconográfica de Franco Lovera, Beppe Moiso, Gianluigi Nicola e Elisabetta Valtz, e foi traduzido por Massimo Patané. Abre com o contributo introdutório da directora da obra, Anna Maria Donadoni Roveri, apresentando-nos o notável acervo turinense: “Histoire d'une collection”

(pp. 10-19), que inclui um mapa do Egíto (p. 11) e uma tábua cronológica (p. 17).

Alessandro Roccati recorda-nos a “Art et technique de l’écriture” (pp. 20-45), Loredana Sist “La production alimentaire” (pp. 46-75) e Elvira d’Amicone as “Formes et matériaux de la poterie” (76-105). O aparentemente secundário aspecto da “Vannerie” ganha com o estudo de Alessandro Bongioanni (pp. 106-119), seguindo-se Enrichetta Leospo e o seu “Travail du bois: meubles et ébénisterie” (pp. 120-159) e Laura Donatelli com “Instruments de mesure, utensiles et armes” (pp. 160-187). Anna Maria Donadoni Roveri volta a intervir no tomo, desta vez com “Tissage, mode et décoration” (pp. 188-217), que se completa com Gloria Rosati e os seus “Ornements précieux: bijoux et amulettes” (pp. 218-321) e Tiziana Baldacci com “Musique, danse et jeux” (pp. 232-247).

Este primeiro volume, que nos permite conhecer melhor a vida quotidiana dos antigos Egípcios graças aos materiais existentes no rico acervo egiptológico do Museu de Turim, remata-se com a bibliografia referente a cada um dos estudos (pp. 248-251), o índice das ilustrações (pp. 252-259) e o índice dos nomes de lugares e pessoas (pp. 260-262).

O segundo volume da série intitula-se *Les Croyances Religieuses*, tendo contado com a recolha iconográfica de Elisabetta Valtz e a tradução de Rosalma Cappellaro. A organização interna é diferente do tomo anterior, até porque a temática aqui tratada justificava um escalonamento temporal para a apreensão das várias manifestações da prática religiosa durante os três milénios de civilização faraónica. Começa com uma necessária “Introduction à la religion égyptienne”, da autoria de Sergio Donadoni (pp. 11-19).

Desde a Pré-história até ao período copta vão-se sucedendo as contribuições dos diversos colaboradores deste volume, começando pelo estudo de Giovanni Bergamini sobre “Religion et pratiques funéraires de l’Égypte prépharaonique” (pp. 20-37) e Elvira D’Amicone descrevendo “Le site archéologique de Gébelein” (pp. 38-43). Os aspectos religiosos do Império Antigo mereceram a atenção de Silvio Curto (“Les sites royaux: Héliopolis et Giza”, pp. 44-61) e, novamente, de Elvira D’Amicone (“Les édifices religieux et la nécropole de Gébelein dans le troisième millénaire avant notre ère”, pp. 62-81).

O Império Médio é contemplado com quatro artigos, começando com Enrichetta Leospo a recordar-nos “Gébelein et Assiout entre la Première Période Intermédiaire et le Moyen Empire” (pp. 82-103), seguindo-se

Gloria Rosati e “Les stèles du Moyen Empire” (pp. 104-113), uma vez mais Elvira D’Amicone, agora evocando “Les tombeaux rupestres des gouverneurs de Qaou el-Kébir: Ouakha I, Ouakha II et Ibou” (pp. 114-127) e Alessandro Roccati com “Textes religieux et funéraires du deuxième millénaire av. J.-C.” (pp. 128-145).

O Império Novo, com cinco estudos, traz-nos “La Vallée des Reines” pela mão de Anna Maria Donadoni Roveri (pp. 146-161), “Les cultes populaires de Deir el-Médineh” são tratados por Mario Tosi (pp. 162-177), Renato Grilletto apresenta “La momification et l’embaumement” (pp. 178-187), “Les livres funéraires sous le Nouvel Empire” mereceram a atenção de Paolo Ronsecco (pp. 188-197), enquanto “Les petits objets funéraires dans les différentes époques” foram apreciados por Laura Donatelli (pp. 198-211).

O longo período que vai desde a XXI dinastia (Terceiro Período Intermediário, iniciado em 1070 a. C.) até à chegada de Alexandre (332 a. C.) é evocado com o contributo do especialista em sarcófagos e materiais funerários Andrzej Niwinski: “Sarcophages, stèles et papyrus funéraires de la Troisième Période Intermédiaire et de l’Époque Tardive” (pp. 212-225). A subsequente Época Greco-romana está bem documentada com o estudo de Elisabetta Valtz, “Religion et coutumes funéraires à l’époque des Ptolémées et à l’époque romaine” (pp. 226-237), terminando o consagrado Sergio Donadoni com “L’avènement du Christianisme” (pp. 238-245).

A exemplo do primeiro volume, também este insere uma bibliografia para cada artigo (pp. 246-249), um índice de ilustrações (pp. 250-257) e um índice de nomes e de localidades (pp. 258-261).

O terceiro volume apresenta *Les Arts de la Célébration*, tendo a tradução sido confiada a Rosalma Cappellaro, Pierre-Michel Tromeur e Denise Schmid. Tal como o volume anterior, também este beneficiou da recolha iconográfica a cargo de Elisabetta Valtz.

Coube a Anna Maria Donadoni Roveri escrever a Introdução (pp. 11-13), seguindo-se Silvio Curto com “Espace réel et symbolique: l’architecture rituelle” (pp. 14-97), Sergio Donadoni debruçando-se com profundidade sobre “L’image et la forme” (pp. 98-187) e Enrichetta Leospo apreciando os “Rites propitiatoires, scènes de la vie quotidienne, activités de travail et récréatives dans les peintures sur lin et les décorations murales” (pp. 186-248).

No final vem a bibliografia dividida pelos três estudos incluídos no tomo (p. 249), e os habituais índices de ilustrações (pp. 251-257), de nomes e de localidades (pp. 259-261).

De tão completa e útil obra colectiva, que em muito dignifica os egip-tólogos italianos (que são a maioria dos colaboradores) e prestigia o acervo egípcio do Museu de Turim, apenas se lamentam as demasiadas anomalias na redacção dos nomes de pessoas e de locais, capazes de perturbar os leitores menos versados nestas leituras. Um caso verdadeiramente insólito, a demonstrar a evidente falta de uma cuidadosa revisão final e uma necessária uniformização, verifica-se com o nome de Hapi-djefa, governador de Assiut (Império Médio), assim chamado no primeiro volume (p. 52, embora no índice se apresente como Djefahapi, p. 260), no segundo é Djefahapis (pp. 85, 100, 101), para no terceiro ser Hapizepha (p. 84, se bem que no índice surja como Hapizéfa, p. 259). Com estas cinco maneiras diferentes de escrever o nome da mesma pessoa não será surpresa ver a rainha Ahmés Nefertari (XVIII dinastia, mãe de Amen-hotep I) aparecer correctamente escrita no primeiro volume (p. 158), para no terceiro surgir como Ahmosis Néfertari (pp. 136 e 145) e ainda Ahomosis Néfertari (p. 162). O mesmo se passa com o governador Uakha (I, p. 15), depois Ouakha (II, pp. 121, 122, etc); o príncipe Khaemuaset (II, p. 155 e outras) já tinha sido Khamouas (I, p. 15); o faraó Unas varia entre Ounas (I, p. 65) e Ounis (II, p. 82), etc.

Entre as divindades também se detectam situações anómalas, a começar pelo célebre Ré, escrito desta maneira no primeiro volume (quando devia ser Rê, porque se trata de uma versão francesa), no segundo e no terceiro já é Rê. Mas nos nomes compostos onde entra o nome do deus solar a variedade é notória: Hésiré, com a forma onomástica unida (I, p. 127 e outras, para em III, p. 10 ser Hésira), Néferirkaré (I, p. 124), ou separada em Mekhet-Ré (I, pp. 190 e 224, para depois ser Mékhetra em III, p. 112), Menkheper-ré-seneb (I, p. 75), Sahouré (I, pp. 65, 137) e Sa-houra (II, p. 39), Doua-em-Rê (II, p. 58), Menkhepera (II, p. 216), Mérikarê (II, p. 101), Nébhpetrê (II, p. 82 e outras), mais à frente Nebheptra (II, pp. 108 e 139), Nébra (II, p. 241), Neouserria (III, p. 61), etc. Outras divindades de nome instável são Bastet (I, pp. 232, 241 e outras), depois Bastis (II, p. 12); Harachtí (I, p. 189) e Harakhtès (II, p. 12 e outras, e III, p. 56 e outras); Khonsou (II, p. 12 e outras) e Khensou (III, p. 76, 88); o génio funerário Imseti é Amset (II, p. 204) ou Imset (II, p. 157), etc.

Quanto aos locais, as discrepâncias também abundam, limitando-nos aqui a mencionar alguns exemplos: no primeiro volume figura Abusir (p. 83), no segundo Abousiris (pp. 53, 146) e no terceiro Abousir (p. 62); Boubastis (I. p. 232) e depois Bubaste (II, p. 12); Gebelein (I, pp. 13, 14, 15, 25 e muitas outras) e Gébeleyn (II, pp. 34, 38, 42, etc., e também em III, pp. 45, 113, etc.); Hawara (II, pp. 146 e 236) passa a Hanara (III, p. 86); a localidade de Ashmounein (I, p. 19), a antiga Khmunu-Hermópolis onde se venerava Tot, é depois Achmunein (II, p. 12, 13, e outras); as pedreiras de Hatnoub (I, p. 220 e II, p. 124) vêm referenciadas como Hatimb no índice (II, p. 259); Ermant (I, p. 188) e depois Armant (II, p. 62, 86 etc.); Bousiris (I, p. 238) e Busiris (II, pp. 143, 162); Gizeh (I, pp. 13, 88 e outras), depois Giza (II, pp. 34, 46, 52, e outras), para passar a Gizâ (III, pp. 28, 33, 59, e muitas outras); uma anomalia que tipifica outras é a designação da fortaleza de Bouhen que aparece como Souhen (III, p. 90) e como Bouben (III, p. 88 e no índice, p. 259).

Algumas outras incorrecções podiam ter sido evitadas: Sahuré não foi o primeiro faraó da V dinastia (III, pp. 39 e 261, índice), mas sim Userkaf; Unas (III, p. 260, índice) não foi o quarto faraó da V dinastia mas sim o nono; Sekenenré (que em III, p. 142 vem como Seqnenre e na p. 261 passa a Seqnentra!) ficaria melhor indicado, no contexto, como faraó da XVII dinastia do que como príncipe; um anão era em egípcio chamado *deng*, ou *deneg*, e não *deleg* (I, p. 238); uma antiga imagem do Museu de Turim mostra a data de 1982 mas ela é obviamente da primeira metade do século XIX (III, p. 12). É pena o trabalho editorial de revisão e de uniformização onomástica não ter estado à altura da qualidade da Obra, deslustrando o bom leque de autores que colaboraram nas suas páginas, alguns dos quais são referência certa da actual egiptologia italiana.

Luis Manuel de Araújo

SERGIO DONADONI, SILVIO CURTO e ANNA MARIA DONADONI ROVERI, *L'Égypte du Mythe à l'Égyptologie*, Fabri Editori, Milão, Istituto Bancario San Paolo di Torino, Turim, 1990, 288 pp.

No âmbito do mecenático apoio do Istituto Bancario San Paolo di Torino à realização do VI Congresso Internacional de Egiptologia (Turim, de 1 a 8 de Setembro de 1991), às obras de remodelação do Museu